

**ASSIGNATURAS
PARA A CAPITAL**

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Mez	1\$000
Numero avulso	\$300

O CRUZEIRO

Organ dedicado às letras, litterario
e noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

**ASSIGNATURAS
PARA O INTERIOR**

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Redactores e collaboradores: diversos

Veritas apper omnia

Inscriptorio da Redacção: Rua Couto Magalhães n. 29

O CRUZEIRO

ANALYSANDO

Quando começamos a nos defender das críticas gratuitas d' "O Cruzeiro", e a sustentar com ellas as discussões que temos mantido, bem longe estávamos de pensar que esse confrade, quando não mais pudesse refutar os argumentos com que o temos levado de vencida, ingloriamente se enveredasse para o terreno estéril das individualidades.

E com esta phrase de ouro que a collega "A Juventude" começa o artigo, publicado no seu ultimo numero, com que diz terminar a discussão travada com o nosso jornal.

E não começa bem, simplesmente porque começa falseando escandalosamente a verdade.

Com algumas palavras vamos elucidar os factos, e expor-lhes taes quaes são, independentes do modo de vista apaixonado e erroneo d' "A Juventude".

Para isso, remontemos ao começo da nossa contenda travada, certa de um mez atrás.

Convem salientar, mais uma vez, que foi "A Juventude" que, falha completamente de espirito, e despeitada (porque não dizer tudo?), iniciou esse genero de criticas pessoas, buscando por a ridiculizar varios dos nossos redactores e collaboradores.

E é ella depois que vem allegando pureza de intenções e nobreza de caracter, reclamar por nós nos terminos enveredado pela mesma senda, quando, si o fizemos, nada mais tínhamos em mira si não fazer-lhe ver, que si o quizessemos, e com mais razão,

poderíamos lançar as setas do motejo e da chuva aos redactores daquelle jornal.

Porem, isto entre parenthesis: voltemos ao assumpto.

Começada a discussão pela celebre questão dos "pés microscopicos", na qual não nos afastamos uma linha do nosso posto de defesa, e pelo contrario rebatemos sem hesitações, todos os seus argumentos, foi a propria collega que, dando por finda a questão, sem nem ao menos terminar o seu artigo sobre o se, se deu por vencida; sendo que nós, só esperavamos o final daquelle artigo para continuarmos a defesa.

Outro tanto, e mais abertamente se deu no caso das crinas. Mostrando sabença e autoridade extraordinarias, vejo o Zé, já da *Biborna*, provar que crinas é mais portuguez do que crinas. Refutamo-lo brilhantemente, modestia a parte. Nem sequer respondeu.

Somos nós então que perdemos? Outro ponto, em que os jovens mostraram-se completamente ineptos, é a questão da Salubridade.

Iniciada por nós a devesa patriótica da bondade e benignidade de nosso clima e consequente salubridade da região, esperavamos que, desafiados, os collegas viriam provar devidamente o que asseveraram no seu artigo em questão.

Isso não se deu; vieram, sim, mas com evasivas, chamando a discussão para outro terreno, — a hygiene, que nada tinha a ver no caso.

Refutados de novo, silenciaram.

Ao que nos lembra foram esses tres, os pontos principaes da nossa discussão; ora da rápida analyse delles, feita com apaixonadamente, resulta, para o bom senso de todos, que em nada nós fomos vencidos,

e que, pelo contrario, foi "A Juventude", que em todos esses pontos se declarou redondamente derrotada.

Mas é como as crianças teimosas, que apesar de terem apanhado uma boa sôva, com lagrimas nos olhos e soluços na voz, dizem que não apanharam...

Busca assim "A Juventude" salvar sua honra (!) mas, não vê, que o animo publico tem os olhos abertos para a verdade e não se deixa suggestionar pelo seu palavreiro que em vez de justifica-la, nada mais fez que confirmara idéa geral de que "A Juventude" se perita em falsear a verdade, o direito e a justiça quando lhe convem.

Notas da semana

Partidas

Para Corumbá, seguiu na tarde de 21 do corrente, o nosso amigo e collega de redacção Olegario Moreira de Barros. Acompanha-o o Sr. Luiz Malhado.

Ambos, nossos votos de feliz viagem e prompto regresso.

Exames

Finalizam-se amanhã, no Lyceu Salesiano, os exames dos bacharelados do mesmo Lyceu, sobre cujo resultado algo diremos opportunamente.

o

«Presidente da Voltri»

Sahio, com destino a Corumbá, na manhã de 24 do passado a «Presidente da Voltri» levando, entre outros passageiros o nosso amigo Estevam Gomes, que vai passar as férias alli. Boa viagem.

Cancão triste

Fé-la, um dia, a saudade—esta companheira das almas soffredoras—ir soltar seus ternos cantos á beira do oceano. Por toda a superficie das aguas se estendiam as lactaes manchas do luar, e o firmamento matizado de argenteos soes, mercenariamente apresentava o multismo da terra, nessa hora em que se ouvem o marulhar das ondinas, o suspirar do brando zephyro, o cair da follia secca, sinão as pallidas illusões dos desventurados amantes se etherealizarem em a hora sombria da meia noite. A passos compassados e tremulos, aproximava-se pallida virgem da solitaria beiramar; e quem seu semblante visse diria que o coração daquella formosa creatura buscava um lenitivo para o estalar duma saudade interminavel.

E ao lançar os lacrimosos olhos para a vasta solidão dos mares, deixou que saudosa canção por ella se difundisse. Uma chora do cantara prostrar-se ia supplicando amor e a fera mais bravia, extasiada, a ouviria immovel. E cantava a pallida virgem.

Ao veia-a ouvir, o Mar disse:—Como são bellos os teus olhos! Se quizessees ser a deusa dos mares, eu seria o teu vassallo.

Dar-te-ia todas as minhas riquezas mysteriosas e, quem sabe? talvez deixasse de soffrer tanto. Brincarias com as perolas e coraes mais preciosos que encontras nos desertos do meu seio, e obedecer-te-iam os seres que me povoam. Ao envez destas canções tristissimas, desferirias cantares de infinita alegria e, sorrindo, me ordenarias todos os teus desejos. Entretanto, ivo a gomar para sempre, sem ter, ao menos, um ser que me dispense o seu amor. Dizem todos que sou triste, e, por isso, é que me rodeiam as tristezas.

Desde que vivo, jamais tive um momento de descanço, uma palavra affectuosa... A est' hora, quando julgava repousar pela primeira vez tu me appareceses, o lego

se me duplicaram os gemidos. Desenvolvi-me as doloridas palavras dos teus labios pelas milhães entranhas como entrecortados soluços, e, então, continue a gemer, continue a chorar... A natureza, impiedosa e má me não concedeu descanço.

O' immaculada donzella, ó lagrima pura como as lagrimas do céu, já que tens tantos encantos, roga ao Ser que nos domina para eu deixar de soffrer e para eu poder te amar. Se me quizessees para o teu amante, eu padeceria mais resignado e compassivo. Embalar-te-ia no collo das minhas ondinas e levar-te-ia á Asia, á Africa, á Europa, á Oceania, e em summa, a todas as paragens mais bellas da terra. Falla, ó Deus, ó Anjo, ó Amor!

E elle não respondeu a pallida virgem.

Revolteu-se o Mar, as ondas se arrojaram a praia solitaria, e na amplidão azulejada e triste, se confundiram as canções da donzella com os gemidos do proceloso Mar.

Avilla Lima.

O PHAROL

Commemorando a data do seu anniversario, este nosso collega, transferiu para terça-feira entrante a sua edição do sabbado, conforme participou-nos o seu editor proprietario.

Ficam, portanto, avisados os seus leitores.

O despropozito

da Juventude

Os mequetrefes que redigem o paquinha chamado *A Juventude* estão calpouros, e tantas vezes dão quantos n.º sabem á publicidade, do modo que covem ter uma nideção!

Querem os illustres redactores do dito pebolorio que tenhamos auxilio por traz do cortinao. Não! O *Cruzeiro* dá com orgulho que tudo quanto publica, bem ou mal, é da penha dos seus redactores, o quo pde provar.

A Juventude pode dizer o mesmo. Por lá anda um bando de gralhas com pennas de pavão, pedindo artigos de apresentação e outros millos, e depois os redactores sahem á rua contando que escreveram taes artigos.

Nisso estão acostumados, que até discursão á feito com mão alheia.

Bo poeta? Fazir o *marcos* poeta, que mereça, não á medida do que fallamos no nosso boletim, mas sim um cambão para juntal-o ao Zé Baixote o ao Mimi Fêlo.

Deus os fez,.... o Diabo os ajuntou, para uma galeria de tolos.

Que gralhas!

Luz! luz!

Diversas pessoas, moradoras da rua Emancipação, têm nos reclamado que alli, a iluminação (si é que tem iluminação essa rua) está em estado lastimavel.

Com effeito, quem passar pela dita rua, desde o fim da travessa da Assembléa até o da Camara, verá que esse trecho, sendo o mais habitado de toda a rua, só possui 4 lampêões, distando uns 600 metros um do outro. Poram, que lampêões! Todos quebrados, em miserio estado, com os quacs os encarragados de os acender e limpar, com elles não importam; os vidros, quando tem, ficam tão sujos de fumo, que a luz desses lampêões nada illumina.

Agora que o Sr. Intendente Municipal está dotando as nossas ruas com uma iluminação melhor, não deve esquecer que a rua Emancipação também precisa de se útil melhoramento, visto ser ella em grande parte descalçada o que, occasiona muitas vezes, quedas a quem nella transita nas noites de escuridão.

Os quatro lampêões do trecho citado acima, precisam ser reformados por outros novos, visto estarem imprestaveis; o trecho dessa rua, comprehendido entre as travessas do Palácio e da Assembléa precisa de uns quatro lampêões e o comprehendido entre as travessas do Palácio e da Camara de mais dois, sendo alem disso, reformados os já existentes.

Ahi fica a reclamação e o pedido do que fazemos ao Sr. Intendente, e estamos certos, seremos attendidos.

Derrotados

A Juventude, vendo perder as duas questões que mantinha com O Cruzeiro, ficou tão indignada que veio dizendo renunciar a continuação dessas inermes questões?

O collega não devia fazer isto, procurar desviar da discussão, prestando cousas que nada têm com isso; o seu dever era, reconhecendo-se perdido, declarar derrotado, e desse modo terminaria com brilhantismo as questões em que tanto se empenhou, sobre a *Salubridade de Curitiba e Itanome se*.

Porém não quer o collega reconhecer-se perdido e procura pretextos para desmanchar a questão alegando não ter O Cruzeiro, argumentos para refutar as suas ideias.

Quando o nosso jornal deixou de refutar as ideias do collega por falta de argumentos?

Nunca; A Juventude sim, caindo sempre em contradições indignas de figurarem em uma polémica, perdeu de todo a estribadeira, a ponto de nem as mentes ter coragem de continuar o artigo sobre o pronome se, iniciado no seu numero 7.

Allega ainda o collega, que o nosso jornal arrastou-se para o vil terreno das individualidades, procurou ridicularizar os seus redactores, defendeu o cavalheiro desacatado por elle, escreveu «com a mão ignobil» desse cavalheiro, e abre espaço em suas columnas para a transmissão incoerente das alevisias com que esse cavalheiro pretende ridicularisar-o, e encontra no local das baixezas e faz jús ao título de *Pasquim* na opinião publica.

Vejam bem os leitores, como A Juventude tira tudo de si para dar ao O-Cruzeiro!

Quem arrastou-se, na questão do se, para o terreno pessoal, O Cruzeiro ou A Juventude?

Certamente que esta, porque o nosso jornal disputou com toda a seriedade e o collega logo procurou criticar Gilbert, de quem apanhava sóvas.

Quem primeiro desceu ao terreno da ridicularização? O collega porque logo no seu 2º numero veio ridicularizando um nosso redactor e depois muitas outras pessoas.

Quanto ao cavalheiro desacatado quem fez peor, A Juventude desreputando-o e o desacreditando ou O Cruzeiro defendendo-o? O collega fez mal novo, porque o publico ficou reconhecendo os seus redactores como mal educados.

Porque diz o collega que o nosso jornal é escripto com a mão ignobil desse cavalheiro?

Queremos uma prova disso, pro-

va clara e fundamentada e se não nos for dada, A Juventude passará por mentirosa e ridicula.

Diz o collega que o nosso jornal «abre espaço em suas columnas para a transmissão incoerente das alevisias com que esse cavalheiro pretende ridicularisar-o».

Também queremos uma prova do que O Cruzeiro algum dia publicou uma *letra* desse cavalheiro. Não somos A Juventude que apesar de ser ensinada por um professor do Liceu Curibano, que passa por cultor da lingua portugueza, horrorizou-se completamente na questão do se.

Pretendo o collega que estejamos como elle, no local das baixezas. Que engano! Estamos bem longe disso. O collega diz isto por causa da linguagem do nosso ultimo numero, que em verdade foi malcreada e fútilbunda. Quería o collega que o tratássemos distintamente quando somos por elle só tratados a pontapés? Era preciso que reagissemos e tratássemos o collega como devia ser tratado.

A Juventude, ridicularizando sempre com as suas baixas criticas, pessoas consideradas no nosso meio social, abusando do papel que representa na imprensa, decidida a desconsiderar pelo nosso publico e pelos outros orgaos da imprensa quer merecer o nome de jornal e atirar-nos o de *pasquim*?

E' preciso que A Juventude compenetre-se do papel que representa e abraçe entusiasticamente o nome de PASQUIM, porque muito bem o merece.

Além de tudo isto, diz esse jornal que o cavalheiro desacatado por elle, por *deleza da cortina*, escreveu no O-Cruzeiro! Que papel representa A Juventude, dizendo e afirmando uma tal cousa que é pura mentira? Desejamos que esse jornal prove isso, como podemos provar que A Juventude foi ensinada por um professor do Lyceu Curibano, e que o artigo Falso Boletim foi escripto pela mão de um conhecido hypocrita, cujas accões moresas são conhecidas bastante pelo nosso publico e que se esquece de que é manchado e vem publicamente elarando desforas a um cavalheiro, a cujos pés nunca ha de chegar.

E com tudo isto quer A Juventude passar por jornal, atirar-nos o título de PASQUIM e ainda renunciar as questões que mantinha com O Cruzeiro!

Oh! Isto é feio, nosso antagonista; procure um outro modo de darse por perdido e não esse de renunciar questões, allegando estar O Cruzeiro cheio de argumentos, tirando assim o que é cáu para dar ao nosso jornal! Procuro, caro contrario, ser derrotado de uma maneira mais digna e não salto assim covardemente do combate!

BALDROCAS

— Olha o D. Quixote macaqueando a *Marquês* de J. Othello!...

— Sahe cisco! flau! flau! flau!

— Entrega este recibo lá para o teu pai.

— (entra e sahe) Papai disse que elle não táhi. (d)

O Fidelis cá, repete ainda uma vez: «Como A Juventude tem o garrafabotico ajutorio do homem do... (já sabem?) pensa que O Cruzeiro também tem!»

Gato ruivo de que cuida disso use; tal fazem os jovens...:

— Muito bem disse O Pharo! que o auctor do «Falso Boletim» e os demais jovens não têm educação e os seus cerebros (delles) são mentecaptos; porem com O Pharo! elles não se mettem; podem virar meléca ou petéca! Porco papa onde coça o rabo...

Entre moças, no jardim:
— Si eu ficasse rico também ficava?

— Ficava.
— E si eu fosse embara?

— Mas o homem do... ensinou mesmo os jovens, no caso dos?

— Ora se ensinou: dois redactores de lá já affirmaram isso, da mesma forma como disseram que o auctor do Boletim falso é o conhecido bacharelado de turuna... na colla... Vejamos, e depois querem negar!...

Fidelis.

YARA

CA Luiz Portella.

E no silencio da noite a voz do pescador tinha uma triestosa indizível que commovia a alma...

A piroga, estreita e raza, sinuava-se rapidamente as aguas mansas do rio, e de instante a instante, se ouvia o ruido surdo dos remos que impellidos pelos fortes braços do moço pescador feriam a superficie calma do rio, deixando como um fláo de espumas atraz de si...

O céu de um azul sombrio desapparecia sob a infinidade de estrelas que se espalhavam por toda a sua extensão; a via-lactea, branca e clara, parecia uma estrada fúgida feita de luz; e havia estrelas de todos os tamanhos, umas mais scintillantes, outras mais pallidas, e algumas até com reflexos coloridos, azues, vermelhos ou dourados...

O luar era admirável: o rio, largo e profundo, refletia como uma lamina de aço, e em alguns pontos tinha phosphorescencias e brilhos estranhos.

A solidão do lugar e a influencia da hora davam á voz do pescador uma doçura inconfessivel e uns tons de vaga e indefinida nostalgia.

De subito, numâ volta do rio, pareceu-lhe ouvir uma voz tranquilla e meiga que cantava como em côro com elle.

Parou. Escutou, longo tempo, attento...

Realmente; cantavam...

E era uma voz sem igual, timbrada e fresca, de uma pureza e de uma melancolia sublimes: era uma voz que bem parecia não ser da terra, mas vir do céu, do alto céu, que as estrellas salpicavam e que o luar prateava...

Olhou em rodâ: tudo ermo e silente.

As barrancas avermelhadas e irregulares se erguiam de lado a lado, solitarias, refletindo a lua.

La passando nesse momento um lugar temido pelos remadores: ali o rio era mais profundo, as aguas nem se moviam e nas barrancas uma vegetação sombria e cerrada se accumulava...

O moço apezar de corajoso, benzeu-se...

A voz, vibrava com mais força para depois decahir suavemente num esmorecimento languido...

Surgio-lhe, inesperadamente, aos olhos, uma moça de incomparavel belleza,—como nunca tinha visto por aquellas terras...

Vestia um manto diaphano sob o qual se adivinhava a sua epiderme fina e rosea, e os suaves contornos do seu corpo esculptural; no seu rosto ovalino, o que mais

impressionavam eram os olhos, grandes e negros, do negror dos abismos e das noites tempestuosas, mas que derramavam uma diuissima luz, um effluvio de bondade e de caricia que attrahia, enfeitava...

E ella sorria angelicamente ao remeiro...

O moço—encantado, não pôde conter-se quando ella, na sua voz maviosa e rythmada, lhe convicou a ir comsigo para o seu rico palacio de esmeraldas, no seio profundo das aguas...

Atirou-se para a visão, loucamente, julgando cahir nos braços della.

Com horror viu desvanecer-se, como uma miragem, o vulto que lhe acenara e sorria; e num grito de suprema dôr e de desespero supremo, quiz salvar-se, precipitando a canoa que já ia longe, boiando á mercê da correnteza.

Ela tarde, porém!

Deu algumas braçadas, em vão; quiz continuar, faltaram-lhe forças, e elle submergiu, amaldiçoando a aperiça visão que o seduzira...

Do céu, as estrellas, impassiveis, fitavam aquella scena dolorosa; só a lua, parece que condolidâ daquella desventura, escondida por momentos sua face por detraz de umas nuvens negras...

A Yara da lenda indigena representa o ideal na vida humana...

Por elle, nós sacrificamos a nossa vida, e em troco elle só nos dá illusões; infelizes os que, um momento creem nessa perfiça miragem!

Cuiabá, 28—VII—08.

José B. Mesquita.

O SUICIDIO

(Conclusão)

São esses, almas, corações deliçados que não foram feitos para este mundo, charco putrido onde só formigam vermes abjectos.

III.

Ha dores que não encontram remédio senão na morte. Depois da batalha de Atinno, Cleopatra deixa-se picar por uma aspidê afim de não passar pela ignominia de ser levada á Roma como orna-

mento e pompa da victoria de Octavio. Quem poderá censurar, n'uma mulher, esse acto de abnegação e cofagem? Ella sabia perfeitamente o quanto havia de soffrer como prisioneira—não quiz assistir ao approbio da sua patria; do seu reino outrora engrandecido e forte. Não; o suicidio é, a meu ver, tão natural quanto a morte com que nunca poderemos conformar, embora morramos sempre. Ora os theologos que o apontam como um delicto, de que modo explicam a vida rigorosa dos ascetas—verdadeiros suicidas, caminhando ás pressas para a morte, martyrisando o corpo nos claustres?

Isso ainda é mais angustioso, porque se vai acabando á mingua, minando aos poucos o organismo. Weithar, o apaixonado de Carlota mora sua desgriça, vendo essa moça tão bella que tanto amara nos braços de outro homem. Remorde na consciencia o seu infortúnio...

Depois recebe do criado a pistola que ella inconscientemente, obdecendo ao marido, lhe mandara e detona-a no cráneo.

O suicidio é raro, rarissimo entre os rusticos porque n'elles não existe o gêmio do mal; são homens de costumes simples e affeições puras. O progresso traz consequências irreparaveis. Assim, pois, para o homem ser novamente feliz é preciso voltar á sua ignorancia primitiva, á sua simplicidade de outrora. Do contrario, o mundo irá cada vez mais ganhando terreno no campo da degeneração e da miseria, até que um dia, abalado pelas suas lavas incandescentes, estoure como um vulcão.

Emquanto durarem estes vícios na terra, haverá o suicidio.

Ora, parece-me que nenhum outro animal se mata, só o homem, o rei da criação.

E porque lhe havemos de negar esse direito da posse material quando elle é o senhor de tudo.

«Dão a Cesar o que é de Cesar.»

Luiz Terêncio de Figueiredo.
Rio